



UNESP 2025 - 2ª Fase - 2º dia

Questão 1 - Língua Portuguesa

Examine o cartum de Will Leite, publicado na conta do Instagram @dona.anesia em 26.11.2023.



- a) Que recurso expressivo é mobilizado por Will Leite na construção do sentido deste cartum? Justifique sua resposta.
- b) Transponha a fala da neta para o discurso indireto.

Resolução:

- a) Trata-se da ambiguidade da palavra “simpatia”. Na pergunta da garota, parece que o termo foi usado com seu sentido de superstição, para indicar a ação ritualística realizada com a intenção de conseguir alguma coisa. Na resposta da avó, o substantivo passa a ser empregado com seu sentido habitual de afinidade moral, de impressão agradável, em oposição à antipatia.
- b) Eis algumas possibilidades de resposta:
- A neta perguntou se a avó acreditava em simpatia.
- A neta perguntou à avó se ela / esta / a avó acreditava em simpatia.
- A neta perguntou à avó, chamando-a de “vó”, se ela / esta / a avó acreditava em simpatia.

Questão 2 - Língua Portuguesa

Para responder à questão, leia o poema “O ferrageiro de Carmona”, do poeta João Cabral de Melo Neto, publicado originalmente em 1987 no livro *Crime na Calle Relator*.

Um ferrageiro¹ de Carmona²
que me informava de um balcão:
“Aquilo? É de ferro fundido,
foi a fôrma que fez, não a mão.

Só trabalho em ferro forjado,
que é quando se trabalha ferro;
então, corpo a corpo com ele;
domo-o, dobro-o, até o onde quero.

O ferro fundido é sem luta,
é só derramá-lo na fôrma.
Não há nele a queda de braço
e o cara a cara de uma forja.

Existe grande diferença
do ferro forjado ao fundido;
é uma distância tão enorme
que não pode medir-se a gritos.

Conhece a Giralda³ em Sevilha?
Decerto subiu lá em cima.
Reparou nas flores de ferro
dos quatro jarros das esquinas?

Pois aquilo é ferro forjado.
Flores criadas numa outra língua.
Nada têm das flores de fôrma
moldadas pelas das campinas.

Dou-lhe aqui humilde receita,
ao senhor que dizem ser poeta:
o ferro não deve fundir-se
nem deve a voz ter diarreia.

Forjar: domar o ferro à força,
não até uma flor já sabida,
mas ao que pode até ser flor
se flor parece a quem o diga.”

(João Cabral de Melo Neto. *Poesia completa e prosa*, 2008.)

¹ferrageiro: negociante de ferro; no caso do poema, também ferreiro, ou seja, artesão que trabalha o ferro.

²Carmona: cidade espanhola.

³Giralda: Torre de Giralda, em Sevilha.

a) Que oposição é explorada pelo ferrageiro em sua fala?

b) A respeito do livro *Crime na Calle Relator* em que foi publicado o poema, o crítico Alcides Villaça assim se manifestou: “Trata-se de uma coletânea de poemas narrativos, de ‘casos’ saborosos cuja matéria [...] é filtrada pela expressão do estilo de Cabral, ganhando com isso o costumeiro tensionamento.”

Em que medida “O ferrageiro de Carmona” pode ser considerado um poema narrativo?

Resolução:

a) O ferrageiro explora em sua fala a oposição entre o ferro forjado e o ferro fundido. Ele valoriza o ferro forjado, com o qual trava uma “queda de braço”, junto a uma forja. Com isso, o ferrageiro tematiza a dedicação e o esforço de um

artista ao realizar a sua arte. Já o ferro fundido é desvalorizado, pois não é resultado de um embate entre o ferrageiro e a sua matéria-prima, e sim fruto de um procedimento padronizado com o uso de fôrmas.

b) “O ferrageiro de Carmona” pode ser considerado um poema narrativo porque traz os elementos básicos de uma narração: 1) narrador: no caso, em primeira pessoa; 2) personagens: o narrador e o ferrageiro; 3) espaço: o balcão de uma ferraria na cidade de Carmona; 4) tempo: o poema apresenta uma mudança de estado relacionada ao encontro dos personagens e ao transcorrer temporal da conversa entre eles; 5) enredo: a conversa sobre as diferenças entre o ferro forjado e o ferro fundido, a qual pode ser ampliada para uma reflexão sobre o processo de criação artística.

Questão 3 - Língua Portuguesa

Para responder à questão, leia o poema “O ferrageiro de Carmona”, do poeta João Cabral de Melo Neto, publicado originalmente em 1987 no livro *Crime na Calle Relator*.

Um ferrageiro¹ de Carmona²
que me informava de um balcão:
“Aquilo? É de ferro fundido,
foi a fôrma que fez, não a mão.

Só trabalho em ferro forjado,
que é quando se trabalha ferro;
então, corpo a corpo com ele;
domo-o, dobro-o, até o onde quero.

O ferro fundido é sem luta,
é só derramá-lo na fôrma.
Não há nele a queda de braço
e o cara a cara de uma forja.

Existe grande diferença
do ferro forjado ao fundido;
é uma distância tão enorme
que não pode medir-se a gritos.

Conhece a Giralda³ em Sevilha?
Decerto subiu lá em cima.
Reparou nas flores de ferro
dos quatro jarros das esquinas?

Pois aquilo é ferro forjado.
Flores criadas numa outra língua.
Nada têm das flores de fôrma
moldadas pelas das campinas.

Dou-lhe aqui humilde receita,
ao senhor que dizem ser poeta:
o ferro não deve fundir-se
nem deve a voz ter diarreia.

Forjar: domar o ferro à força,
não até uma flor já sabida,
mas ao que pode até ser flor
se flor parece a quem o diga.”

(João Cabral de Melo Neto. *Poesia completa e prosa*, 2008.)

¹ferrageiro: negociante de ferro; no caso do poema, também ferreiro, ou seja, artesão que trabalha o ferro.

²Carmona: cidade espanhola.

³Giralda: Torre de Giralda, em Sevilha.

a) Transcreva o verso em que o eu lírico se manifesta explicitamente no poema. Justifique sua resposta.

b) Reescreva o verso “que não pode medir-se a gritos.” (4ª estrofe) na voz passiva analítica.

Resolução:

a) Trata-se de “que me informava de um balcão”, em que se emprega a primeira pessoa no singular. Apenas os dois primeiros versos estão no discurso do narrador / eu lírico do texto. Todo o restante é uma fala em discurso direto do ferrageiro de Carmona.

b) que não pode ser medida a gritos.



Questão 4 - Língua Portuguesa

Para responder à questão, leia o poema “O ferrageiro de Carmona”, do poeta João Cabral de Melo Neto, publicado originalmente em 1987 no livro *Crime na Calle Relator*.

Um ferrageiro¹ de Carmona²
que me informava de um balcão:
“Aquilo? É de ferro fundido,
foi a fôrma que fez, não a mão.

Só trabalho em ferro forjado,
que é quando se trabalha ferro;
então, corpo a corpo com ele;
domo-o, dobro-o, até o onde quero.

O ferro fundido é sem luta,
é só derramá-lo na fôrma.
Não há nele a queda de braço
e o cara a cara de uma forja.

Existe grande diferença
do ferro forjado ao fundido;
é uma distância tão enorme
que não pode medir-se a gritos.

Conhece a Giralda³ em Sevilha?
Decerto subiu lá em cima.
Reparou nas flores de ferro
dos quatro jarros das esquinas?

Pois aquilo é ferro forjado.
Flores criadas numa outra língua.
Nada têm das flores de fôrma
moldadas pelas das campinas.

Dou-lhe aqui humilde receita,
ao senhor que dizem ser poeta:
o ferro não deve fundir-se
nem deve a voz ter diarreia.

Forjar: domar o ferro à força,
não até uma flor já sabida,
mas ao que pode até ser flor
se flor parece a quem o diga.”

(João Cabral de Melo Neto. *Poesia completa e prosa*, 2008.)

¹ferrageiro: negociante de ferro; no caso do poema, também ferreiro, ou seja, artesão que trabalha o ferro.

²Carmona: cidade espanhola.

³Giralda: Torre de Giralda, em Sevilha.

a) Na sétima estrofe, o ferrageiro estabelece uma comparação entre a ferraria (ou seja, a arte de manusear e modelar o ferro) e a poesia. Nesse contexto, o que significa dizer que “nem deve a voz [da poesia] ter diarreia”?

b) Transcreva um verso da sexta estrofe em que ocorre a elipse de um substantivo. Que substantivo foi suprimido?

Resolução:

a) Com a fala “nem deve a voz ter diarreia”, o ferrageiro quer indicar que a poesia deve ser feita com esforço, numa verdadeira “queda de braço” do poeta com as palavras. Nesse processo de criação não deve haver lugar para a expressão verbal descuidada e prolixa (figurativizada na imagem pejorativa de “diarreia”). Essa atitude racionalista e cuidadosa caracteriza a obra cabralina, que por essa razão costuma ser classificada como “poesia-engenheira”.

b) Elipse é uma figura de linguagem que consiste na omissão de um termo que pode ser subentendido no contexto. O verso em que ocorre uma elipse é “moldadas pelas das campinas”. O substantivo suprimido foi “fôrmas”.

Questão 5 - Língua Portuguesa

Para responder à questão, leia o trecho do ensaio “O eterno retorno do mesmo: tese cosmológica ou imperativo ético?” da filósofa brasileira Scarlett Marton.

E se um dia ou uma noite um demônio se esgueirasse em tua mais solitária solidão e te dissesse: “Esta vida, assim como tu a vives agora e como a viveste, terás de vivê-la ainda uma vez e ainda inúmeras vezes; e não haverá nela nada de novo, cada dor e cada prazer e cada pensamento e suspiro e tudo o que há de indizivelmente pequeno e de grande em tua vida há de retornar, e tudo na mesma ordem e sequência — e do mesmo modo esta aranha e este luar entre as árvores, e do mesmo modo este instante e eu próprio. A eterna ampulheta da existência será sempre virada outra vez — e tu com ela, poeirinha da poeira!” — Não te lançarias ao chão e rangerias os dentes e amaldiçoarias o demônio que te falasse assim? Ou viveste alguma vez um instante descomunal, em que lhe responderias: “Tu és um deus, e nunca ouvi nada mais divino!”.

Se esse pensamento adquirisse poder sobre ti, assim como tu és, ele te transformaria e talvez te triturasse; a pergunta, diante de tudo e de cada coisa: “Quero isto ainda uma vez e ainda inúmeras vezes?” pesaria como o mais pesado dos pesos sobre teu agir! Ou então, como terias de ficar de bem contigo mesmo e com a vida, para não *desejar nada mais* do que essa última, eterna confirmação e chancela?

Assim escreve Nietzsche na *Gaia ciência*. É na forma de um desafio que introduz, em sua obra, a ideia do eterno retorno. Ao enunciar o que ele mesmo pensa a respeito, toca em dois pontos que se tornarão recorrentes em seus textos: a repetição dos acontecimentos e o movimento circular em que a mesma série de eventos ocorre. “O mais pesado dos pesos”, título do aforismo de Nietzsche, diz respeito às consequências psicológicas que o pensamento do eterno retorno pode acarretar. Afinal, o que ele provocaria em nós? Constituiria motivo de júbilo ou razão de desespero? Diante dele, como nos comportaríamos? Nós nos lançariamos ao chão e rangeríamos os dentes? Ou abençoariamos como portador da boa nova quem dele nos falasse? Mas qualquer atitude que viéssemos a adotar não nos libertaria do fardo que, desde então, pesaria sobre nosso agir.

(Adauto Novaes (org.). *Ética*, 2007. Adaptado.)

a) Quais são os referentes do pronome “eu” e do pronome “Tu” sublinhados no primeiro parágrafo?

b) Que recurso retórico é empregado reiteradamente pela filósofa brasileira no final do terceiro parágrafo? Com qual finalidade ela o emprega?

Resolução:

a) * O pronome "eu" refere-se ao demônio, que é o agente da provocação filosófica ao enunciar a ideia do eterno retorno.

* O pronome "Tu" também refere-se ao demônio, usado no discurso direto como parte da resposta que o interlocutor (leitor ou indivíduo confrontado com a ideia do eterno retorno) poderia dar ao demônio.

b) O recurso retórico empregado é a interrogação retórica. Essas perguntas têm o objetivo de envolver o leitor em uma reflexão ética e filosófica sobre o eterno retorno, suas implicações emocionais e existenciais, e como isso moldaria as ações e escolhas do indivíduo.

Questão 6 - Língua Portuguesa

Para responder à questão, leia o trecho do ensaio “O eterno retorno do mesmo: tese cosmológica ou imperativo ético?” da filósofa brasileira Scarlett Marton.

E se um dia ou uma noite um demônio se esgueirasse em tua mais solitária solidão e te dissesse: “Esta vida, assim como tu a vives agora e como a viveste, terás de vivê-la ainda uma vez e ainda inúmeras vezes; e não haverá nela nada de novo, cada dor e cada prazer e cada pensamento e suspiro e tudo o que há de indizivelmente pequeno e de grande em tua vida há de retornar, e tudo na mesma ordem e sequência — e do mesmo modo esta aranha e este luar entre as árvores, e do mesmo modo este instante e eu próprio. A eterna ampulheta da existência será sempre virada outra vez — e tu com ela, poeirinha da poeira!” — Não te lançarias ao chão e rangerias os dentes e amaldiçoarias o demônio que te falasse assim? Ou viveste alguma vez um instante descomunal, em que lhe responderias: “Tu és um deus, e nunca ouvi nada mais divino!”.

Se esse pensamento adquirisse poder sobre ti, assim como tu és, ele te transformaria e talvez te triturasse; a pergunta, diante de tudo e de cada coisa: “Quero isto ainda uma vez e ainda inúmeras vezes?” pesaria como o mais pesado dos pesos sobre teu agir! Ou então, como terias de ficar de bem contigo mesmo e com a vida, para não *desejar* nada *mais* do que essa última, eterna confirmação e chancela?

Assim escreve Nietzsche na *Gaia ciência*. É na forma de um desafio que introduz, em sua obra, a ideia do eterno retorno. Ao enunciar o que ele mesmo pensa a respeito, toca em dois pontos que se tornarão recorrentes em seus textos: a repetição dos acontecimentos e o movimento circular em que a mesma série de eventos ocorre. “O mais pesado dos pesos”, título do aforismo de Nietzsche, diz respeito às consequências psicológicas que o pensamento do eterno retorno pode acarretar. Afinal, o que ele provocaria em nós? Constituiria motivo de júbilo ou razão de desespero? Diante dele, como nos comportaríamos? Nós nos lançariamos ao chão e rangeríamos os dentes? Ou abençoariamos como portador da boa nova quem dele nos falasse? Mas qualquer atitude que viéssemos a adotar não nos libertaria do fardo que, desde então, pesaria sobre nosso agir.

(Adauto Novaes (org.). *Ética*, 2007. Adaptado.)

a) Que verbo empregado no segundo parágrafo pode ser considerado uma hipérbole? Justifique sua resposta.

b) As palavras podem mudar de classe gramatical sem sofrer modificação na forma. A este processo de enriquecimento vocabular pela mudança de classe das palavras dá-se o nome de “derivação imprópria”.

(Celso Cunha. *Gramática essencial*, 2013. Adaptado.)

Cite um exemplo de derivação imprópria que ocorre no segundo parágrafo. Justifique sua resposta.

Resolução:

a) O verbo "**triturasse**" pode ser considerado uma hipérbole. Ele é usado para intensificar o impacto emocional e psicológico da ideia do eterno retorno. A palavra evoca a sensação de destruição ou esmagamento total, o que amplia dramaticamente o efeito que essa reflexão filosófica teria sobre o indivíduo.

b) Um exemplo de derivação imprópria no segundo parágrafo é "**teu agir**". Nesse caso, o verbo "**agir**" é usado como substantivo, processo conhecido como derivação imprópria ou conversão. O verbo, ao ser precedido do pronome "**teu**", passa a desempenhar a função de um substantivo, indicando a ação em si de forma nominalizada.

Questão 7 - Língua Portuguesa

Para responder à questão, leia os dois primeiros capítulos do romance *Quincas Borba*, de Machado de Assis.

Capítulo I

Rubião fitava a enseada, — eram oito horas da manhã. Quem o visse, com os polegares metidos no cordão do chambre, à janela de uma grande casa de Botafogo, cuidaria que ele admirava aquele pedaço de água quieta; mas, em verdade, vos digo que pensava em outra coisa. Cotejava o passado com o presente. Que era, há um ano? Professor. Que é agora? Capitalista. Olha para si, para as chinelas (umas chinelas de Túnis, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha), para a casa, para o jardim, para a enseada, para os morros e para o céu; e tudo, desde as chinelas até o céu, tudo entra na mesma sensação de propriedade.

— Vejam como Deus escreve direito por linhas tortas, pensa ele. Se mana Piedade tem casado com Quincas Borba, apenas me daria uma esperança colateral. Não casou; ambos morreram, e aqui está tudo comigo; de modo que o que parecia uma desgraça...

Capítulo II

Que abismo que há entre o espírito e o coração! O espírito do ex-professor, vexado daquele pensamento, arrepiou caminho, buscou outro assunto, uma canoa que ia passando; o coração, porém, deixou-se estar a bater de alegria. Que lhe importa a canoa nem o canoeiro, que os olhos de Rubião acompanham, arregalados? Ele, coração, vai dizendo que, uma vez que a mana Piedade tinha de morrer, foi bom que não casasse; podia vir um filho ou uma filha... — Bonita canoa! — Antes assim! — Como obedece bem aos remos do homem! — O certo é que eles estão no céu!

(*Quincas Borba*, 2012.)

a) Que embate é narrado no segundo capítulo? De que pensamento o espírito de Rubião se envergonha?

b) Que procedimento estilístico, característico da prosa madura de Machado de Assis, é empregado no primeiro capítulo? Justifique sua resposta.

Resolução:

a) O embate no segundo capítulo ocorre entre os pensamentos de Rubião, – nos quais ele comemora o fato de a irmã e do amigo terem morrido antes de se casarem, o que possibilitou que ele fosse seu herdeiro universal –, e sua moral, o “espírito do ex-professor”, que se envergonha desses pensamentos.

b) Trata-se da ironia, marca estilística muito presente no trabalho do autor em sua maturidade. No primeiro capítulo, ao mencionar a “sensação de propriedade” de Rubião, o narrador reforça o fato de ela referir-se a “tudo” e, na sequência, aproxima “chinelas” e “céu” como parte dessa sensação. As reticências utilizadas no encerramento do capítulo sugerem que a morte da irmã tenha sido um golpe de sorte, embora tivesse parecido uma desgraça.

Questão 8 - Língua Portuguesa

Para responder à questão, leia os dois primeiros capítulos do romance *Quincas Borba*, de Machado de Assis.

Capítulo I

Rubião fitava a enseada, — eram oito horas da manhã. Quem o visse, com os polegares metidos no cordão do chambre, à janela de uma grande casa de Botafogo, cuidaria que ele admirava aquele pedaço de água quieta; mas, em verdade, vos digo que pensava em outra coisa. Cotejava o passado com o presente. Que era, há um ano? Professor. Que é agora? Capitalista. Olha para si, para as chinelas (umas chinelas de Túnis, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha), para a casa, para o jardim, para a enseada, para os morros e para o céu; e tudo, desde as chinelas até o céu, tudo entra na mesma sensação de propriedade.

— Vejam como Deus escreve direito por linhas tortas, pensa ele. Se mana Piedade tem casado com Quincas Borba, apenas me daria uma esperança colateral. Não casou; ambos morreram, e aqui está tudo comigo; de modo que o que parecia uma desgraça...

Capítulo II

Que abismo que há entre o espírito e o coração! O espírito do ex-professor, vexado daquele pensamento, arrepiou caminho, buscou outro assunto, uma canoa que ia passando; o coração, porém, deixou-se estar a bater de alegria. Que lhe importa a canoa nem o canoeiro, que os olhos de Rubião acompanham, arregalados? Ele, coração, vai dizendo que, uma vez que a mana Piedade tinha de morrer, foi bom que não casasse; podia vir um filho ou uma filha... — Bonita canoa! — Antes assim! — Como obedece bem aos remos do homem! — O certo é que eles estão no céu!

(*Quincas Borba*, 2012.)

a) Considere os seguintes trechos do primeiro capítulo:

I. “Rubião fitava a enseada, — eram oito horas da manhã.”

II. “Cotejava o passado com o presente. Que era, há um ano? Professor. Que é agora? Capitalista.”

III. “— Vejam como Deus escreve direito por linhas tortas, pensa ele. Se mana Piedade tem casado com Quincas Borba, apenas me daria uma esperança colateral.”

IV. “Não casou; ambos morreram, e aqui está tudo comigo; de modo que o que parecia uma desgraça...”

Em qual desses trechos ocorre o chamado discurso indireto livre? Justifique sua resposta.

b) Identifique os sujeitos dos verbos sublinhados no primeiro capítulo.

Resolução:

a) O discurso indireto livre se caracteriza por uma interferência do discurso narrativo na fala ou no pensamento da personagem. Esse recurso é exemplificado no trecho II, no qual o narrador, onisciente, revela os pensamentos de Rubião (“Cotejava o passado com o presente”); no entanto, as reflexões que se seguem pertencem ao personagem, que pensa a respeito das diferenças de sua vida, entre o passado de “professor”, ou seja, homem simples, e o presente de “capitalista”, isto é, endinheirado.

b) Os verbos sublinhados são: *visse* e *cuidaria*. O sujeito do verbo *visse* é o pronome *Quem*, que aparece logo antes, referindo-se a qualquer transeunte que observasse Rubião na posição em que estava. Já o sujeito do verbo *cuidaria* é *Quem o visse*, embora também se possa considerar nessa categoria toda a oração (*Quem o visse, com os polegares metidos no cordão do chambre, à janela de uma grande casa de Botafogo*).

Questão 9 - Língua Inglesa

Leia o texto para responder, em português, à questão.

In 2022, the United Nations High Commissioner for Refugees reported that weather-related events had displaced approximately 21.5 million people worldwide each year between 1999 and 2019, more than twice the number of people displaced by conflict and violence. These extreme weather events affect substantially the ability of low-income, rural, and Indigenous individuals to remain in their homes, which can compel them to migrate.

Extreme weather events also damage ecological and social systems and affect water availability, food access, and rates of endemic diseases (such as acute respiratory tract infections, diarrhea, measles, and malaria) for people who do not migrate. The World Health Organization estimates that by 2050, global climate change will cause approximately 250000 additional deaths per year due to malnutrition, heat-related illness, and malaria. It is anticipated that in under-resourced countries, adequate health care and infrastructure will be most adversely affected.

(Michael Méndez *et al.* <https://jamanetwork.com>, 05.02.2024. Adaptado.)

- a) De acordo com o primeiro parágrafo, o número de cerca de 21,5 milhões refere-se a quais pessoas? Por que esse número é apresentado como expressivo?
- b) Conforme as informações do primeiro parágrafo, que grupos de pessoas sofrem mais os efeitos de eventos climáticos extremos em suas moradias? O que essas pessoas tendem a fazer?

Resolução:

- a) Pessoas que foram deslocadas em todo o mundo devido a eventos climáticos a cada ano entre 1999 e 2019, o que é o dobro do número de pessoas deslocadas por conflitos e violência.
- b) Esses eventos climáticos extremos afetam substancialmente a capacidade de indivíduos de baixa renda, rurais e indígenas de permanecerem em suas casas, o que pode obrigá-los a migrar.

Questão 10 - Língua Inglesa

Leia o texto para responder, em português, à questão.

In 2022, the United Nations High Commissioner for Refugees reported that weather-related events had displaced approximately 21.5 million people worldwide each year between 1999 and 2019, more than twice the number of people displaced by conflict and violence. These extreme weather events affect substantially the ability of low-income, rural, and Indigenous individuals to remain in their homes, which can compel them to migrate.

Extreme weather events also damage ecological and social systems and affect water availability, food access, and rates of endemic diseases (such as acute respiratory tract infections, diarrhea, measles, and malaria) for people who do not migrate. The World Health Organization estimates that by 2050, global climate change will cause approximately 250000 additional deaths per year due to malnutrition, heat-related illness, and malaria. It is anticipated that in under-resourced countries, adequate health care and infrastructure will be most adversely affected.

(Michael Méndez *et al.* <https://jamanetwork.com>, 05.02.2024. Adaptado.)

- a) Conforme as informações do segundo parágrafo, os eventos climáticos extremos prejudicam quais necessidades básicas de sobrevivência das pessoas que não migram? Cite dois exemplos, mencionados nesse mesmo parágrafo, de doenças endêmicas cuja incidência é afetada por eventos climáticos extremos.
- b) De acordo com o segundo parágrafo: qual a estimativa da Organização Mundial da Saúde até 2050 e qual a previsão feita para países com poucos recursos?

Resolução:

- a) Eventos climáticos extremos também danificam sistemas ecológicos e sociais e afetam a disponibilidade de água, o acesso a alimentos e as taxas de doenças endêmicas (como infecções agudas do trato respiratório, diarreia, sarampo e malária) para pessoas que não migram.
- b) A Organização Mundial da Saúde estima que, até 2050, a mudança climática global causará aproximadamente 250.000 mortes adicionais por ano devido à desnutrição, a doenças relacionadas ao calor e à malária. Prevê-se que, em países com poucos recursos, os cuidados com a saúde e a infraestrutura adequada serão os mais afetados adversamente.

Questão 11 - Língua Inglesa

Leia o texto para responder, em português, à questão.

Caravaggio's lost masterpiece

In 2024, on May 27, "Ecce Homo" — Latin for "watch the man" — is shown in public for the first time since Michelangelo Merisi, better known as Caravaggio, painted it four centuries ago. The painting, of Christ being exhibited before his crucifixion, spent all those years in private hands, and was eventually misattributed to an obscure artist rather than to the Italian Baroque master.

Only in 2021, when an auction house in Madrid put the scratched and worn-out work under the hammer with a starting bid of just €1,500 (US\$1,627), did the city's Prado National Museum call in experts to check its provenance. They were unanimous: this was a lost work by Caravaggio, whose paintings are prized for their rarity — barely 60 have survived — as much as for their quality. A British art collector bought "Ecce Homo" for €36 million and has loaned the now-restored painting to the Prado until October 2024.

(Brooke Unger. <https://view.e.economist.com>, 27.05.2024. Adaptado.)



a) De acordo com o primeiro parágrafo, o que ocorreu no dia 27 de maio de 2024? Quando o quadro mencionado no texto foi pintado?

b) Conforme as informações do primeiro parágrafo, o que a pintura representa? Qual a controvérsia que envolveu a autoria do quadro?

Resolução:

a) O quadro "Ecce Homo" de Caravaggio, nesta data, foi exibido ao público pela primeira vez desde que fora pintado. O quadro foi pintado em 1624.

b) A pintura representa Cristo antes da crucificação. A pintura foi mal atribuída a um artista obscuro ao invés do mestre do Barroco Italiano, passando todo esse tempo nas mãos de um colecionador particular.

Questão 12 - Língua Inglesa

Leia o texto para responder, em português, à questão.

Caravaggio's lost masterpiece

In 2024, on May 27, "Ecce Homo" — Latin for "watch the man" — is shown in public for the first time since Michelangelo Merisi, better known as Caravaggio, painted it four centuries ago. The painting, of Christ being exhibited before his crucifixion, spent all those years in private hands, and was eventually misattributed to an obscure artist rather than to the Italian Baroque master.

Only in 2021, when an auction house in Madrid put the scratched and worn-out work under the hammer with a starting bid of just €1,500 (US\$1,627), did the city's Prado National Museum call in experts to check its provenance. They were unanimous: this was a lost work by Caravaggio, whose paintings are prized for their rarity — barely 60 have survived — as much as for their quality. A British art collector bought "Ecce Homo" for €36 million and has loaned the now-restored painting to the Prado until October 2024.

(Brooke Unger. <https://view.e.economist.com>, 27.05.2024. Adaptado.)



- a) De acordo com o segundo parágrafo, qual foi o lance inicial estabelecido pelo leiloeiro em Madri em 2021? O que fez o Museu Nacional do Prado com relação ao quadro colocado em leilão?
- b) Cite dois fatores, mencionados no segundo parágrafo, que contribuem para a valorização das obras de Caravaggio. O que fez o colecionador de arte britânico após arrematar a obra no leilão por 36 milhões de euros?

Resolução:

- a) O lance inicial foi de apenas €1.500 (US\$ 1.627) e o Museu Nacional do Prado, em Madrid, chamou especialistas para verificar a procedência da obra.
- b) As pinturas de Caravaggio são valorizadas por sua raridade e qualidade. O colecionador de arte britânico comprou a obra e a emprestou, já restaurada, ao Museu Nacional do Prado até outubro de 2024.

com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva um texto dissertativo-argumentativo, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema:

Medicalização da vida: a quem interessa?

Resolução:

Análise da proposta

A proposta de redação da Unesp deste ano solicita aos candidatos uma dissertação em prosa sobre o tema “Medicalização da vida: a quem interessa?”. A temática, de cunho social e filosófico, convida os estudantes a refletirem sobre a crescente tendência de transformar experiências humanas naturais em diagnósticos médicos e suas implicações na sociedade contemporânea. O tema é relevante, atual e interessante, o que corresponde à tradição da banca examinadora.

A coletânea apresenta dois quadrinhos (um de Quino e outro de André Dahmer) e três textos dissertativos de diferentes autores.

No **Texto 1**, “*Potentes, prepotentes e impotentes*”, Quino critica de forma satírica a dependência de medicamentos, sobretudo aqueles de uso psiquiátrico, destacando a facilidade com que soluções farmacológicas são apresentadas para lidar com os desafios emocionais do cotidiano. Nessa imagem, o Estado está representado na figura de policiais que distribuem medicamentos para o controle populacional, com o intuito de impedir manifestações de qualquer natureza.

No **Texto 2**, “*Palestra sobre novos tempos*”, de André Dahmer, o autor critica a medicalização irresponsável de crianças. O candidato poderia mostrar o quanto as empresas lucram com essas práticas.

Já no **Texto 3**, Marcele Zucolotto analisa, em “*Sofro, logo me medico: a medicalização da vida como enfrentamento do mal-estar*”, o papel da sociedade acelerada na redefinição de sentimentos como tristeza e ansiedade, colocando-os no campo da anormalidade e promovendo sua medicalização.

Por sua vez, em “*Elogio do medo*”, Maria Rita Kehl alerta, no **Texto 4**, sobre o impacto dessa medicalização na subjetividade humana, destacando a perda do trabalho psíquico de simbolização e resolução de conflitos. Isso revela a incapacidade da sociedade de pensar em soluções a longo prazo que exigem compreensão das subjetividades e o entendimento de que as emoções são transitórias e dependem de contextos únicos.

Finalmente, Marcelo Kimati, em “*Medicalização e a sociedade contemporânea*”, no **Texto 5**, amplia o debate ao incluir a dimensão social, apontando como a medicalização pode ocultar os fatores estruturais responsáveis pelo sofrimento. Assim, a medicalização se torna uma forma de gestão do sofrimento psíquico diante das injustiças do neoliberalismo.

Encaminhamentos possíveis

Como o tema é apresentado na forma de uma pergunta direta, é interessante que haja uma resposta acerca de a quem interessa a medicalização da vida. Ao desenvolver a resposta, contudo, permite-se também a abordagem de causas, consequências e do contexto social e econômico dessa questão.

Assim, a redação poderia ter desenvolvido, entre outros, os seguintes encaminhamentos:

A indústria farmacêutica desempenha um papel central na promoção da medicalização da vida. Ao lucrar com a venda de medicamentos, as empresas farmacêuticas têm interesse em expandir o mercado consumidor, transformando condições cotidianas, como tristeza, ansiedade e luto, em doenças que requerem tratamento medicamentoso. Essa busca por lucro se intensifica com o desenvolvimento de novas drogas, muitas vezes com efeitos colaterais desconhecidos a longo prazo. Assim, pode ser apontada, claramente, como um dos atores a quem interessa a medicalização.

Pode-se argumentar também que a medicalização serve ao capitalismo ao garantir que indivíduos voltem rapidamente à produtividade. Estados emocionais como tristeza, luto ou angústia são vistos como “obstáculos” à eficiência e, por isso, devem ser tratados rapidamente para manter a força de trabalho ativa. O conceito de Sociedade do Cansaço, desenvolvido por Byung-Chul Han, pode ser relacionado a esse aspecto. Segundo ele, vivemos em uma sociedade que exalta a produtividade, o desempenho e a eficiência, valores centrais do capitalismo contemporâneo. Nesse contexto, o sujeito é transformado em um “empreendedor de si mesmo”, constantemente pressionado a maximizar seu rendimento em todas as esferas da vida. O esgotamento e o cansaço, então, passam a ser vistos como patologias a serem medicadas.

A medicalização excessiva tem consequências negativas para os indivíduos e para a sociedade. Ao transformar questões normais da vida em doenças, a medicalização limita a capacidade de lidar com os desafios e frustrações inerentes à experiência humana. Além disso, o uso excessivo de medicamentos pode gerar dependência, efeitos colaterais e mascarar problemas mais profundos, que deixam de ser tratados de forma adequada. Do ponto de vista

social, a medicalização excessiva contribui para a estigmatização do sofrimento psíquico e para a medicalização da vida social e mesmo para a falta de pensamento crítico da população.

As ideias de Michel Foucault poderiam ser articuladas ao tema. O filósofo argumenta que, na era moderna, o poder político passou a operar sobre a vida biológica dos indivíduos e das populações, conceito que ele denomina biopolítica. Esse poder atua regulando corpos e comportamentos para otimizar a vida produtiva e a ordem social. A medicalização da vida pode ser vista como uma extensão dessa biopolítica, pois normaliza certos estados emocionais ou psicológicos — como tristeza, ansiedade ou luto — para manter indivíduos funcionais no sistema econômico e social. Além disso, pode-se dizer que esse a medicalização da vida cotidiana é uma forma de poder disciplinar usado, por exemplo, em escolas.

Também seria possível citar o documentário "Take Your Pills", da Netflix, que explora como medicamentos como Adderall e Ritalina, destinados ao tratamento de TDAH, são amplamente utilizados para aumentar a produtividade e o desempenho acadêmico e profissional. Ele ilustra o impacto da medicalização no reforço de uma cultura produtivista, em que o uso de substâncias farmacológicas é normalizado para atender às altas demandas de uma sociedade que valoriza eficiência acima de tudo.

É possível também elaborar uma espécie de ressalva, apontando que, em alguns casos, os próprios pacientes também podem ser beneficiados. Embora a crítica à medicalização da vida seja pertinente, é essencial reconhecer os benefícios dos medicamentos psiquiátricos quando bem empregados. Eles desempenham um papel crucial no tratamento de transtornos mentais graves, como depressão severa, esquizofrenia e transtorno bipolar, proporcionando estabilidade emocional e funcionalidade aos pacientes. Além disso, para muitas pessoas, esses medicamentos são um suporte indispensável para melhorar a qualidade de vida, permitindo que enfrentem situações que seriam insuportáveis sem intervenção médica.

